

ARDE-LHE-O-RABO, UMA MULHER FEITIÇEIRA

Gilmara Cruz de Araujo¹

INTRODUÇÃO

Este presente artigo é parte da dissertação em andamento no mestrado de História da Universidade Federal de Sergipe, com título *O FEMININO DEMONIZADO NA BAHIA PORTUGUESA: Representações sobre a cultura e religiosidade mítica da feitiçaria e práticas mágicas através dos documentos inquisitoriais da Primeira Visitação à Bahia*, e visa analisar e compreender o imaginário, o cotidiano e as práticas mágicas sobre e realizadas por uma mulher de nome Maria Gonçalves Cajada, mas conhecida como Arde-lhe-o-rabo, na Bahia portuguesa, com base na documentação inquisitorial quinhentista. Cajada no final do século XVI foi degredada de Portugal para Pernambuco, e de lá degredada pela segunda vez para a capitania da Bahia, sob acusação de feitiçaria. O seu processo inquisitorial está arquivado na Torre do Tombo em Lisboa e digitalizado no site da instituição.

O foco dessa pesquisa repousa também na ruptura com o comportamento religioso ditado pela igreja católica; como esta ruptura influenciou na construção de um imaginário negativo sobre as mulheres praticantes de magia; como eram realizadas essas práticas; e como essa relação influenciou o cotidiano feminino.

O documento aqui analisado é o processo inquisitorial gerado na I Visitação do Santo Ofício à Bahia entre as datas de 1591-1593. Nele contém denúncias e o inquérito feito pela mesa inquisitorial a Maria Gonçalves Cajada.

Os processos de feitiçaria estavam catalogados e eram resultados de uma tentativa de aniquilar, através das perseguições, as manifestações religiosas populares de caráter mágico, entendidas como diabólicas e um afastamento da fé. Foi nessa perspectiva que foram representados os comportamentos relacionados às práticas mágicas e feitiçarias. E é importante levar em consideração que os discursos produzidos

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista pela Fapitec sob orientação do Prof. Marcos Silva.

nesses processos partem do aparelho inquisitorial e que, portanto, se encontram condicionados por imagens e representações próprias daqueles que os elaboraram. É preciso tentar enxergar além do que ali está registrado. Não devemos ter como verdade aquilo que está escrito no documento, mas “apegamo-nos geralmente com muito mais ardor ao que ele nos deixa entender, sem haver pretendido dizê-lo”.² É assim que se desenvolve este trabalho, numa tentativa de interpretar as entre linhas, compreender um pouco do universo daquela que estava do outro lado da mesa inquisitorial, o que não é tarefa fácil.

Então, partindo dessa dificuldade em interpretar o que foi dito e o que não foi, tentei buscar uma metodologia mais minuciosa, detalhista, baseada em indícios, descrita pelo historiador Carlo Ginzburg como *Paradigma Indiciário*. Essa metodologia de análise se baseia em fatos e detalhes que podem ajudar nas diversas possibilidades de entender e possibilita o estudo do micro colaborando para o estudo macro.

Como vocês verão adiante, o processo contém denúncias sobre a “Arde lhe o rabo”, e o depoimento dela descrito pelo escrivão diante do inquerito. O que já me deixou bastante atenta, aquele que escreve manifesta seu modo de ver. E só é possível compreender o que há por trás do que foi escolhido mostrar, através de uma metodologia mais minuciosa e detalhista, assim podendo descortinar. Como diz o Carlo Ginzburg: “Para demonstrar a relevância de fenômenos aparentemente negligenciáveis, era indispensável recorrer a instrumentos de observação e escalas de investigações diferentes das usuais”. Ele propôs uma nova possibilidade cognitiva de narração e investigação, colaborando para uma análise que aumenta as possibilidades de interpretações, de informações e aproveitamento das fontes, uma vez que entendemos que não há uma verdade absoluta para História.

“Não é minha intenção afirmar que estes documentos são neutros ou transmitem informação objetiva. Devem ser lidos como o produto de uma interrelação especial, em que há um desequilíbrio total das partes nela envolvidas. Para decifrá-la, temos de aprender a captar, para lá da superfície aveludada do texto, a interação sutil de ameaças e medos, de ataques e recuos. Temos, por assim dizer, que aprender a

² BLOCH, Marc Leopold Benjamin, “Apologia da História, ou o Ofício do Historiador”; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. P. 78

O historiador italiano Carlo Ginzburg contribuiu para uma metodologia mais apurada dos fatos estudados. Tirado dos métodos da medicina, o Paradigma Indiciário é uma categoria metodológica coerente para investigação mais minuciosa, baseada em detalhes e em indícios. Carlo Ginzburg estabeleceu uma forma de investigar baseada em pistas e coloca a raiz disso como método científico e cita Freud e a psicanálise; Morele crítico de arte; o autor de Sherlock Holmes, o Arthur Conan Doyle.

Não é novidade que cada historiador fala muito de si, às vezes indiretamente. Ao analisar algo ele expõe sua visão, seu contexto e suas experiências. O seu objeto de pesquisa pode ser um forte indício de sua escolha pessoal, afinal “os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais”³. Imparcialidade é uma tentativa sem muito sucesso. A escolha pelo tema de pesquisa é um bom exemplo para se perceber que ali tem um pedaço de cada historiador, ao escolher ele fala indiretamente de seus gostos, curiosidades e buscas.

O tema aqui escolhido não se esgotou e nem se esgotará. Enquanto houver gerações futuras de historiadores, haverá novos modos de interpretação deste mesmo recorte. Diante de cada lida, análise e busca, surgem novas possibilidades de interpretações e é dentro dessa perspectiva que o artigo procura contribuir para a História do Brasil, trazendo novas descobertas, novas propostas de discussões, novos modos de ver e novas possibilidades de interpretações. Estudar o campo religioso de um período é diferente de reduzir a uma teoria formulada unicamente, pois o local, motivos, relações sociais e etc., devem ser levadas em consideração e não possibilita uma descrição única e homogênea.

A PRESENÇA DA INQUISIÇÃO NA BAHIA QUINHENTISTA

³ Provérbio árabe citado na apresentação a edição brasileira do livro “Apologia da História” de Marc Bloch. Apresentação escrita por Lilian Moritz Schwarcz.

O único território colonial em que foi desenvolvido um tribunal da Inquisição foi Goa, na Índia. Na Terra de Santa Cruz, essa atuação/repressão aconteceu de forma indireta, realizada por bispos, familiares, comissários e pelas visitas esporádicas, autorizadas pelo Conselho Geral, que representavam a presença da Inquisição em terras coloniais. As visitas em terras brasílicas aconteceram em 1591-1595 (Bahia, Pernambuco, Itamaracá e Paraíba); em 1618-1621 (Bahia e recôncavo); e por fim, em 1763-1769 (Grão-Pará).

No final de 1591, ocorreu a Primeira Visitação do Santo Ofício nas terras açucareiras nordestinas. Primeiramente a visita foi realizada na Bahia trazendo diversos conflitos. Interesses particulares, acusações e conflitos sociais assolavam o cenário baiano nos fins do século XVI. O visitador Heitor Furtado de Mendonça se deparou com uma variedade de crenças e comportamentos. Várias práticas e ações foram tidas como desvio da ordem moral católica, a maioria práticas judaizantes, mas havia também práticas consideradas heresias como: sodomia, bigamia, feitiçaria, blasfêmias, entre outras.

No que se refere à documentação produzida pela atuação do Santo Ofício, a maioria dos códices processuais (incluindo confissões, acusações, processos e denúncias) é referente a cristãos-novos. As perseguições se davam por causa do alto índice de cristãos novos na Terra de Santa Cruz. Muitos fugidos de Portugal, aqui eram vistos como ameaça principal ao catolicismo. A exploração do Pau Brasil e do açúcar influenciaram no transporte de muitos portugueses para as terras brasílicas. A intenção de povoamento fez criar uma base produtora para a exportação. E muito dessa população que chegava ao Brasil eram fugitivos, degredados e perseguidos, além daqueles propriamente interessados na exploração do território.

Muito bem recebido pelo bispo, governador, funcionários e autoridades locais em geral, Heitor Furtado foi homenageado e reverenciado. Toda a estrutura civil ficava submetida à autoridade do visitador do Santo Ofício. Heitor Furtado então iniciou sua perseguição afixando nas portas das igrejas um edital da fé e mandando lê-lo toda semana no dia de domingo para assim convencer à população a se confessarem ou denunciarem. Nesse edital continha todos os “pecados heréticos” com intuito de provocar uma auto-análise da população, e por fim o visitador anunciou o *período da*

graça. Período de trinta dias disponibilizados para que as pessoas por livre e espontânea vontade se confessassem sob a promessa de se livrar das penas corporais e confiscos de bens. Começou então o período de terror criando uma atmosfera de vigilância na Bahia quinhentista.

Muitos fugiram de Portugal aterrorizados pela força e poder da Inquisição e outros foram degredados levando seus costumes, crenças e práticas. A exemplo disso podemos citar uma mulher famosa, considerada feiticeira diabólica, que foi degredada de Portugal para Pernambuco e depois degredada para a Bahia, tudo indica que sempre por prática de feitiçaria. Maria Cajada, por onde foi levada e ensinou suas práticas a diversas mulheres, como veremos neste artigo.

PRÁTICAS MÁGICAS DE FEITIÇARIA

Aqui descrevi algumas práticas feitas pela Maria Gonçalves e tentei esmiuçar essas práticas buscando comparativos em outros locais e épocas. Buscar a reconstrução de crenças existentes nas denúncias e dialogá-las com crenças de outros povos é um método que pode enriquecer e ser capaz de abraçar uma totalidade que está para além do micro. Dessa forma, podemos descobrir regularidades, detectar deslocamentos, transformações, heranças e compreender continuidades e discontinuidades. Não é um trabalho de Longa Duração, mas que pode dialogar com tal proposta.

Chamava-se Maria Gonçalves Cajada, uma mulher conhecida como Arde-lhe-orabo. Natural de Estremoz. Degredada de onde morava, de Aveiro Portugal para Pernambuco e em seguida para a Bahia acusada de cometer crimes de Feitiçaria. A cristã-velha era famosa e muito procurada por outras mulheres para esse tipo de feitiço. Possuía “de arte com o diabo”, e cobrava pelos seus serviços de feitiçaria. Gonçalves era filha de Pedro Gonçalves Cajado, “mestre e piloto de suas mãos” e de Margarida Pires, ambos já falecidos, e casada com Gaspar Pinto.

Cajada tinha fama de “feiticeira diabólica” e praticava diversos feitiços sob encomenda em troca de dinheiro e alguns alimentos. Manipulava objetos (botões, pedaços de pano), ingredientes (galinhas, ratos, azeite), palavras (da consagração da

missa, palavras de rosto entre outras), e símbolos (pentagramas, símbolo de Salomão). As atitudes da “Arde lhe o rabo”, como era chamada por algumas mulheres, contribuíram para um cenário mágico e a crença que a magia poderia ser usada para solucionar problemas do cotidiano feminino na Bahia quinhentista.

Em agosto de 1591, Caterina Fernandes e Isabel Monteiro comparecem a mesa inquisitorial para denunciar a Maria Gonçalves. A primeira afirmou que a dita “feiticeira” veio de Aveiro Portugal degredada para Pernambuco por ter colocado “fogo em duas casas e por atirar com uma enfusa ao juiz da terra” e por esse motivo foi condenada a seis anos de degredo para o Brasil. A segunda descreveu o episódio em que a Maria estando em Pernambuco havia sido punida, por ordem do vigário na frente da matriz, por práticas de feitiçaria. E ordenada teve que ficar de “carocha”⁴ sendo degredada para Bahia como final da penitência.

O degredo de Arde lhe o rabo pode ter influenciado numa má reputação, tanto por parte da sociedade como da própria Inquisição. O degredo neste momento é entendido como uma forma de punição rígida, uma vez que essa condenação estava para aqueles que ameaçassem prejuízos e danos a sociedade⁵. Assim como também foi utilizado por Portugal com intuito de maior povoamento da colônia. O degredo foi oficializado em 1535 pelos decretos de D. João III.

Não somente o degredo, mas também o status que se criou em torno da Maria Gonçalves pôde conferir uma imagem demonizada. Os termos como “Arde lhe o rabo”, “vagabunda” e até “feiticeira diabólica” contribuíram para um imaginário negativo de sua pessoa, corroborando para as denúncias e para a perseguição inquisitorial.

Na casa do senhor visitador, apareceu sem ser chamada, em nove de agosto de 1591, Caterina Fernandes com intuito de denunciar coisas tocantes ao Santo Ofício. Diante de muitos relatos, um deles foi à descrição da conversa que sua vizinha Dominga Gonçalves teve com a Cajada e esta havia lhe dito:

eu ponho-me a meia noite no meu quintal com a cabeça no ar com a porta aberta para o mar, e enterro e desenterro umas botijas e estou

⁴ Espécie de mitra usada pelos condenados da Inquisição.

⁵ PIERONI, Geraldo. *Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas*. Os degredados do Brasil-Colônia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p 55.

nua da cintura para cima e com os cabelos soltos e falo com os diabos e os chamo e estou com eles em muito perigo, e eu perdi uns papeis em que iam embrulhados uns pós os quais depois que eu acabar esta devoção ei de ir onde está o mancebo e botá-los por cima e ele logo há de ir rogar a moça.

Percebe-se que aí está descrito uma prática mágica de feitiçaria feita para alcançar algum objetivo a partir de uma devoção. A história de enterrar botijas e desenterrar está associada ao desejo de riqueza. Há muitos relatos de pessoas que enterravam suas botijas enquanto vivas e após a morte avisava para alguém retirar-lhe sua riqueza. Botijas são objetos ou “tesouros” pessoais enterrados debaixo do solo.⁶

No estado de Pernambuco há um mito em relação ao ouro escondido por aventureiros. E foi tratado pelo antropólogo Thiago de Oliveira Sales em sua dissertação de mestrado. A ambição, segundo Thiago, é um dos motivos que levam à falta de solidariedade. Segundo o Sales:

O costume de se enterrar bens de valor nas chamadas botijas era acompanhado da seguinte narrativa: o falecido que deixara suas posses na terra, constituía com a mesma um vínculo espiritual. Essa fortuna era revelada para um escolhido por meio de mensagens oníricas.⁷

Segundo Thiago Sales, os colonos nem sempre possuíam vínculos capazes de elevar a altas funções sociais importantes e o homem médio brasileiro encontrou dificuldades de alcançar uma estabilidade, então aventurar-se a desenterrar e/ou enterrar botijas era algo social fomentado pelo imaginário ibérico-católico do período.

Em seu processo, a Maria Cajada é acusada de pedir dinheiro mais de uma vez para o mesmo feitiço. E quando interrogada na mesa inquisitorial, Cajada negou que seus feitiços dessem certo e que ela nunca falou com os diabos, mas que ela usava disso para ganhar dinheiro.⁸

⁶ Conceito de Botijas apresentado por Thiago de Oliveira em sua dissertação de mestrado “Sobre botijas”.

⁷ SALES, Thiago de Oliveira. *Sobre Botijas*. Recife: Programa de pós graduação em Antropologia UFPE. 2006, p. 24.

⁸ ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. Nº 10748, fl 40.

Uma das possibilidades de interpretação é que essas botijas sejam “tesouros” guardados pela Maria Cajada, aos quais ela em sua devoção pedia por riqueza e fazia o enterro e desenterro desses tesouros. A presença do mar pode estar associada a um deus rico em sua essência, aquele que pede e lhe traz riquezas. Além de que existem demônios que quando evocados podem lhe ajudar a descobrir tesouros. Veremos mais adiante.

Existe uma festa popular no Brasil que homenageia e presenteia a deusa Iemanjá, deusa do mar que atribui riquezas. Iemanjá, deusa africana filha de Olokun, é a riquíssima mãe do oceano, dona de todas as riquezas do mar.

Na Grécia, o deus Poseidon, deidade do mar e também da fertilidade, era cultuado pelos gregos e muitos deles tiravam dele o seu sustento. Poseidon é entendido pelos antigos como a energia primordial da ambição e segundo a ótica “neterística” de Peter Carroll, Poseidon seria um “Eu-Riqueza” (uma representação Simbólica de um Aspecto de seu Eu, no caso riqueza e fertilidade, necessário para empreender o processo mágico).

Ainda dentro desta primeira prática mágica, refleti bastante sobre a seguinte frase: “falo com os diabos e os chamo e estou com eles em muito perigo...” e recordei dos 72 demônios da Goetia. Esses 72 demônios foram aprisionados pelo Rei Salomão em uma arca de bronze. O texto que se tornou conhecido como Goetia é o primeiro livro dos cinco textos atribuídos ao Rei Salomão, conhecido como Lemegeton.⁹

Os séculos XVI e XVII foram marcados também pela presença de vários praticantes das artes mágicas, que segundo Duquete eram inspirados pela magia do Oriente Médio e que, segundo o autor, devemos ter em mente que a Península Ibérica foi ocupada por muçumanos e que: “Ironicamente, mesmo embora a lei islâmica impusesse proibições estritas contra práticas espirituais não ortodoxas, as forças de ocupação toleravam um punhado de comunidades espanholas nas quais um certo nível de liberdade florescia.”¹⁰ E ainda segundo o autor, os livros de magia atribuídos ao Rei Salomão circulavam pela Europa desde o século XVI. Essas liberdades atraíam

⁹ DUQUETE, Lon Milo. *A goetia ilustrada de Aleister Crowley: evocação sexual*/Lon Milo Duquete, Christopher S. Hyatt; ilustrada por David P. Wilson; tradução André Oídes. São Paulo: Madras, 2011, p. 40.

¹⁰ Idem. *Ibidem*, p. 40.

inovadores das “Artes Negras” e cabalistas judeus e esse período influenciou no Renascimento e mais tarde nas tradições herméticas no ocidente.¹¹

Qual a ligação dessa feiticeira com os ensinamentos desse grimório? Não se sabe ao certo, mas na denúncia da Isabel Antônia em 24 de agosto de 1591, pude constatar uma aproximação. A Isabel afirma que a Maria Gonçalves se agasalhou na casa da denunciante e ao lhe mostrar um recipiente com azeite e o “signo de samão”¹² (que segundo a descrição seriam dois triângulos entrelaçados associados ao Rei Salomão de Israel), Cajada teria afirmado que ao colocar azeite em sua boca seria possível o contato com os diabos¹³. Sobre o uso do azeite, de acordo com Paiva, é relacionado ao símbolo de pureza e prosperidade¹⁴.

Segundo Francisco Bethencourt, o “sino-saimão”, ou seja, o signo de Salomão está na categoria dos amuletos e tem função de preservação. Esse símbolo é traçado pelas feiticeiras no momento de invocação dos demônios e constitui um rito de proteção perante as forças invocadas. “O objetivo consiste em garantir a integridade numa comunicação que envolve grandes riscos”.¹⁵

Segundo o livro *A arte da Goetia dos 72 espíritos infernais*, conforme evocados e descritos pelo rei Shlomo, existem duas formas de barganhar com um espírito do Goetia, ameaçando ou recompensando-o. “Na maioria das vezes o espírito pode aceitar ou negar um pedido seu e não exigir troca. Alguns deles, no entanto, parecem ter certa tendência para negociação”.

Na denúncia de Violante Carneira, em vinte e dois de agosto de 1591, ela afirmou que Maria Gonçalves era mulher vagabunda e feiticeira diabólica e que a mesma lhe disse que era feiticeira diabólica e que fazia muitos feitiços com ajuda dos

¹¹ Idem.

¹² Denúncias da Bahia 1591-1593. 1922-1929, p. 432. O hexagrama de Salomão é um símbolo poderoso e bem reconhecível pelo Judaísmo, às vezes chamado de estrela de Davi e é um emblema apropriado para representar o Macrocosmo provando assim que o magista é representante da ordem Macrocósmica com pleno poder para exercer a autoridade. (Cf. Duquete, 2011, p. 47)

¹³ ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. N° 10748, fl. 38.

¹⁴ PAIVA, José Pedro. *A magia e a bruxaria*. In Marques, João Francisco; GOUVEIA, Antonio Camões (orgs). História religiosa de Portugal: humanismos e reformas. Volume II. Rio do Mouro: Circulo de leitores, 2000.

¹⁵ BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. P. 137

diabos e lhe mostrou uma chaga em um pé todo inchado, afirmando que em certos dias da semana os diabos tiravam dali um pedaço de carne se ela não os dessem muitas ocupações.¹⁶ E para Caterina Fernandes, a Maria Cajada tinha afirmado que voltava do mato e que lá falava com os diabos e que “vinha moída deles” e a denunciante Caterina percebia que ela voltava do mato toda descabelada.¹⁷ Temos aí fortes indícios desse pacto e sua “troca” de favores, uma vez que esses demônios tiravam da Maria pedaços de carne em troca de favores feitos a ela. Encontrei nas práticas goéticas demônios que provocam ferimentos. O quadragésimo segundo espírito da Goetia é Vepar, aparece sob forma de uma mulher sereia e seu ofício é governar as águas e também pode fazer homens morrerem como também apodrecer ferimentos ou chagas.¹⁸ Além dele existe o Sabnock¹⁹ e o Leraje²⁰. Ambos afligem homens com ferimentos e chagas.

Os 72 espíritos goéticos são entendidos como entidades primitivas que foram adoradas durante os primórdios da humanidade. São deuses esquecidos que se tornaram demônios por causa da influência da igreja que costumava demonizar o que não pertencia à sua filosofia.

Conforme o mito de Salomão, ele aprisionou esses 72 espíritos numa arca e a selou numa gruta da antiga Babilônia. Com o passar do tempo, alguns babilônios sem saber de nada tentaram abrir a arca em busca de tesouro e os demônios fugiram com suas legiões.²¹ O *As Clavículas de Salomão* é um livro sobre ocultismo e contém rituais para enriquecimento e para outros fins (como amor, amizade, riqueza, e etc.) a partir da evocação de demônios. É um livro cerimonial muito conhecido no mundo ocidental desde o século XII quando foi originado. Nele contém também os segredos para se fazer amar, tornar-se invisível, enfeitiçar alguém, descobrir tesouros, entre outros.

O uso do símbolo de Salomão, os rituais de evocação e o contato com os diabos ou demônios é um forte indício de que a Maria Gonçalves tenha tido conhecimento

¹⁶ ANTT, Inquirição de Lisboa, proc. Nº 10748, fl 24.

¹⁷ Idem, fl. 33/34

¹⁸ DUQUETE, Op. Cit. p. 113.

¹⁹ O Sabnock é o quadragésimo terceiro espírito conforme o rei Salomão ordenou a entrarem no recipiente. Ele é um marquês poderoso e, além de afligir pessoas com ferimentos e chagas, ele constrói altas torres, castelos, cidades e os provém com armaduras. Ele concede bons familiares e comanda 50 legião de espíritos.

²⁰ Leraje é o décimo quarto espírito. Ele provoca batalhas e disputas e faz apodrecer ferimentos feitos com flechas.

²¹ DUQUETE, Op. Cit., p. 8.

dessas evocações goéticas, seja através da leitura do livro ou por herança oral. O uso do signo de Salomão também foi defendido por Paiva como função primordial para colocar os feiticeiros em comunicação com os demônios e protegê-los de qualquer reação negativa por consequência do ritual.

Mas os indícios dessa analogia não se encerram aí. Maria era muito procurada, como vimos anteriormente, para sanar problemas do cotidiano, como amansar ou fazer com que muitos maridos quisessem bem as suas esposas. Encontrei nas práticas do Goetia, muitos demônios que ajudam homens a amarem mulheres e vice versa. São eles: Sitri, Furfur, Forneus, Beleth, Raum, Zepar, Sallos e Glasya-Labolas. Estes são nomes de demônios goéticos que são evocados para proporcionar também o amor.

Ainda digo mais, as práticas de evocações goéticas prometiam obter informações, destruir inimigos, obter tesouros, curar doenças, compreender o mundo ²², as ciências, tornar alguém amigo, criar amores, entre outras. Será demais enxergar aí uma grande semelhança com as buscas do cotidiano dessas mulheres? Vamos refletir.

No caso citado anteriormente sobre as botijas enterradas, vemos mais um indício dessas práticas goéticas que podem ser associadas às práticas executadas por Maria Cajada. “O morto depois mandaria um aviso para retirar-lhe sua riqueza.” Existem alguns demônios do Goetia que ajudam a encontrar tesouros. Tais são eles: Asmoday, Gremory, Volac, Cimeges e Andromalius. E no livro *As Clavículas de Salomão* tem descrito um ritual para descobrir o tesouro escondido. ²³

Caterina disse que viu na mão de um homem francês de nome João Rolim nove papezinhos, cada um embrulhado em si e uns pós e um pedaço de solimão cru e juntamente com eles estava uma folha com nome de quinze pessoas. Ela afirma que o francês tinha encomendado a Maria e que ele iria encaminhar para o bispo, mas que o dito João Rolim lhe pediu que curasse umas pessoas que ele tiraria por testemunha. ²⁴ Vimos aqui uma encomenda de “feitiçaria” para a cura de pessoas. Existe um demônio na Goetia conhecido por Marbas que responde verdadeiramente as coisas secretas e

²² Idem, *ibidem*, p. 21.

²³ *As clavículas de Salomão*. Tradução A.C Godoy. São Paulo: Madras, 1996, p. 63.

²⁴ ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. N° 10748, fl. 10.

escondidas e provoca doença e as cura. Ele concede conhecimento e pode fazer os homens mudarem de forma.²⁵

Isabel Monteiro Sardinha apareceu à mesa inquisitorial no dia sete de agosto de 1591, e afirmou que vindo de Pernambuco em sua galé junto com Maria Cajada, ouviu dizer que a dita Maria falou umas palavras de rosto (as quais não está descritas na denúncia) ao mestre da galé, convidando-o a agasalhar-se com ela. O capitão disse que não era boa ideia, pois ela era casada e feiticeira. Então Maria foi falar com o capitão de tal maneira que após isso ele chegou a dizer que ela era mulher honrada.²⁶

O nono espírito da ordem goética é Paimon, um grande Rei muito obediente a Lúcifer. Na evocação ele aparece marchando juntamente com uma hoste de espíritos, com trombetas e címbalos. Além de conceder dignidade humana, ele prende e torna qualquer homem sujeito ao magista, se este assim o desejar.²⁷

Tareja Rodrigues, cigana, alegando ter coisas tocantes ao Santo Ofício compareceu à mesa da Inquisição e nela afirmou que Maria Cajada falava com os Diabos e

lhe disse que lhe daria uma mesinha tal que quem tocasse com ele a outra pessoa, logo lhe fazia fazer quanto queria, e lhe mostrou uns ossos que trazia metidos nos cabelos da cabeça, dizendo que eram de enforcados, para as justiças não entenderem com ela²⁸.

Catarina Fróes, meio cristã nova, procurou Maria Gonçalves Cajada pedindo que lhe fizesse uns feitiços para que seu genro Gaspar Martins morresse, pois ele não dava boa vida a sua filha Isabel da Fonseca e isto entendendo que os feitiços eram arte do Diabo. Para isso Catarina lhe deu dinheiro e Maria Cajada pediu mais dinheiro para o tal feito. Também houve outro pedido de feitiço, mas desta vez para o outro genro Antônio Dias, para que ele desse boa vida a sua esposa Catarina de Souza. Para essa prática, Catarina Fróes entregou a Maria Cajada um botão e um retalho de capa de seu genro. O

²⁵DUQUETE, Op. Cit., p. 76.

²⁶ ANTT, IL, Processo 10.748. fl. 4.

²⁷DUQUETE, Op. Cit., p. 80

²⁸ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. Nº 10748, fl. 18-19.

feitiço consistia em uns pós que deveriam ser jogados debaixo dos pés do genro quando a sua esposa quisesse.

Além de se encarregar por diversas práticas, a Maria também cometeu o “crime” da blasfêmia, afirmando para Isabel que “se o bispo tinha mitra que também ela tinha mitra e se o bispo pregava do púlpito também ela pregava de cadeira...”²⁹, e ainda afirmou que fazia boas audiências e que quem tocasse nela teria virtudes. Para Caterina, a Maria disse que se levassem algo ao bispo, ela teria nojo e que ela era como um gato que sempre caía em pé.³⁰ Essa atitude não me parece cordial com os dogmas pregados pela igreja nesse momento. Maria cometeu o que se considera como desvio de ordem moral, blasfêmia, o que desemboca numa ruptura com os dogmas da igreja.

Essas denúncias e confissões começam a traçar um perfil de feiticeira diabólica, não somente para a sociedade, mas também para as autoridades inquisitoriais, colaborando assim para a configuração dos poderes do Diabo na Colônia. O caso da Maria Gonçalves Cajada (totalizou em sete casos de denúncias) contribuiu fortemente para a concretização desse estereótipo diabólico na Terra de Santa Cruz.

Interessante foi o depoimento da Maria Cajada frente à mesa inquisitorial, nela ela foi capaz de negar alegando que suas práticas não passavam de enganações para adquirir dinheiro³¹. Esse argumento pode nos levar a crer que (se ela falou mesmo a verdade) Maria Gonçalves poderia usar do estereótipo de feiticeira criado em torno dela para ganhar dinheiro, como ao mesmo tempo, pode nos fazer pensar que ela com medo do castigo e sob a pressão da Inquisição negou existir uma verossimilhança no que ela afirmava para algumas mulheres. É claro que ninguém estava disposto a assumir tais “crimes” de heresias e ser castigado e torturado pela Inquisição. Seu discurso pode ter girado em torno de sua própria defesa e não devemos negligenciar a existência ou veracidade dessas práticas mágicas.

A demonização de “Arde lhe o rabo” se deu pelo perfil construído em torno de sua pessoa por uma sociedade onde estava delineado fortemente o que era o “bem” e o “mal”. Assim como suas práticas foram consideradas “diabólicas”, o Goetia era entendido como uma conjuração de espíritos infernais, anjos caídos, espíritos malignos,

²⁹ Idem, ibidem, fl. 05.

³⁰ Idem, ibidem, fl. 09

³¹ Idem. Ibidem. fl.25.

demônios³². Esses espíritos “malignos” eram chamados para servir ao magista, a fim de lhe dar poderes e executar a vontade dele na terra.

Uma questão muito importante a se refletir e que concordo plenamente com o Duquete é a seguinte reflexão: “Mas será que os espíritos da Goetia são simplesmente componentes subjetivos da mente do magista, ou será que há realmente uma qualidade objetiva independente em suas naturezas?”³³ Duquete responde que essa questão fundamental pode nunca receber uma resposta satisfatória porque não é simples compreender a natureza da matéria. Mas, entendo que é importante não negligenciar o fato de que para essas mulheres a crença de fato existiu e para algumas surtiu efeitos. Esse universo mágico e essas visões de mundo são manifestações religiosas capazes de nos fazer entender o campo cultural desse período, não se atendo somente ao lado católico quinhentista, pois como vimos o contexto possibilitava uma heterogeneidade não passível de uma homogeneização como muito vimos na historiografia desse recorte temporal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso de Maria Gonçalves Cajada ilustra um cenário conturbado na Bahia do século XVI, o cotidiano e o universo mágico feminino desse momento. Percebe-se que a maioria dos motivos que levaram mulheres a procurarem auxílio mágico era como subsídios para acabar com problemas do cotidiano. As práticas estavam quase sempre direcionadas a amansar maridos, fazer querer bem, conquista de amores, cura de doenças, ou destruir alguém que fazia mal (maridos ou inimigos). E os elementos usados, em sua grande maioria, mesclavam palavras de culto católico ou até materiais usados nos rituais, como a pedra d’ara e óleos de batismo, por exemplo, com a consciência da presença da arte considerada diabólica e talvez cerimoniais antigos.

Essas práticas foram executadas somente por mulheres, cristãs-velhas e novas. Havia um cenário em torno da magia. Mulheres que moravam próximas se reuniam e conversavam sobre as práticas, além de serem usuárias. A Maria Gonçalves e a Violante

³² DUQUETE, Op. Cit., p. 23

³³ Idem, ibidem, p. 24

Carneiro residiam na mesma rua e tinham contato próximo com outras moradoras. Havia uma convivência nas ruas da cidade, tanto por meios da vizinhança, quanto por meio da prestação de serviços.

O contato entre essas mulheres tinha por base relações de vizinhança e relações financeiras. Havia uma sociabilidade entre os moradores das ruas e muitas práticas eram ensinadas e outras vendidas. O serviço de magia também era comercializado, como pudemos ver. Muitas feitiçarias, principalmente as executadas por Maria Cajada, eram feitas em trocas de dinheiro e/ou alimentos para seu sustento. Isso não inviabiliza a veracidade dos efeitos destas práticas.

Diversos foram os motivos que levaram a prática de magia: amansar, conquistar amores, destruir casamentos, amigar, matar, qualquer coisa que necessitasse de ajuda sobrenatural. Estes são indícios de costumes antigos que se encontravam também em Portugal e na Europa. Acreditamos que isso se deve pela influência de mulheres degredadas de Portugal para a Terra de Santa Cruz, como por exemplo, Maria Gonçalves Cajada (Arde-lhe-o-rabo), que ensinou muitas práticas mágicas para as mulheres na colônia portuguesa da América. Segundo Gilberto Freyre:

O amor foi grande motivo em torno do qual girou a bruxaria em Portugal. Compreende-se aliás a voga dos feitiçeiros, das bruxas, benzedeiros, dos especialistas em sortilégios afrodisíacos, no Portugal desfalcado de gente que, num extraordinário esforço de virilidade, pôde ainda colonizar o Brasil. A bruxaria foi um dos estímulos que concorreram, a seu modo, para a superexcitação sexual de que resultou preencherem-se legítima ou ilegitimamente, na escassa população portuguesa, os claros enormes abertos pelas guerras e pestes. Da crença nos sortilégios já chegavam impregnados ao Brasil os colonos portugueses³⁴.

Nas práticas mágicas da Bahia nota-se o uso de símbolos cristãos³⁵, nem sempre como inversão do cristianismo como se acreditava nos tribunais, mas na tentativa de manipulação dos mesmos para alcançar o fim desejado. Ao contrário do culto e do respeito aos símbolos cristãos, eles foram usados muitas vezes com ajuda do Diabo. Havia uma mentalidade que permeava entre Deus e o Diabo e essa busca estava baseada

³⁴FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1958. p. 450.

³⁵ Símbolos aos quais acreditamos terem sido de outras culturas e que foram abraçados pelo cristianismo.

na necessidade. Esse dualismo, uma vez interiorizado, constituía um imaginário coletivo compondo o campo das representações que se fez necessário aqui ser estudado para que possamos entender o passado. Sandra Pesavento afirma que o passado só chega até o historiador através das representações³⁶.

O que se percebe então é um hibridismo étnico e religioso, mesclando imagens, palavras e símbolos cristãos com o imaginário popular marcado por uma diversidade cultural que incluiu os costumes e crenças diversas. Na Terra de Santa Cruz também nota-se a característica presente em Portugal no século XVI, que também foi marcado por diversas crenças encontradas no cotidiano da população, um verdadeiro sincretismo “moldando-se com facilidade às necessidades e aspirações”³⁷. A visão de mundo da Igreja não abraçava a totalidade. Existiam também outros tipos de visão de mundo e outras crenças que divergiam da visão da Igreja, portanto, ela poderia ter uma ênfase muito grande e ser a “defensora do sobrenatural”, mas com toda a análise, percebemos que houve muita resistência e oposição a ela. Muitas vezes não declarada por medo de sua força.

A condição feminina no período colonial tinha como referência principal a maternidade e vida familiar. Havia um processo de domesticação da mulher. Mas distante desses relatos homogêneos que alguns historiadores têm reproduzido, o que temos percebido é que grande parte das mulheres praticantes de magia estavam insatisfeitas com sua vida conjugal e não necessariamente obedeciam a lógica de domesticação feminina. A intenção de amansar os companheiros nos leva a crer que o cotidiano doméstico não era exatamente marcado pela cordialidade, que havia de fato uma margem de violência experimentada por essas mulheres. Assim, nos levando a crer que havia uma necessidade dessas ações mágicas como refúgio e socorro de uma vida sofredora e, ao mesmo tempo, também podemos levar em consideração que havia a presença do medo.

As mais diversas práticas mágicas foram reduzidas ao conceito demonológico. Mas verificamos que eram, sobretudo, as situações de desespero em relação à vida familiar que causavam instabilidade espiritual, conduzindo-as a buscar remédios na magia. Toda prática distanciada do catolicismo era considerada diabólica pela

³⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

³⁷ BETHENCOURT, Francisco. *Op. Cit.*, 2004, p. 95.

inquisição, afinal o que não pertencia a Deus pertencia ao Diabo. Segundo Iza Chain todos que não se inseriam numa lógica cristã, estavam abertos para as ações do Diabo.³⁸ A aproximação com o ser diabólico poderia ser entendida como uma oposição, uma ruptura com a igreja.

Ideias dominantes, populares e resquícios de ideias medievais, entravam em contato, mesclando-se, e marcando tal apostasia. Indício forte do que Carlo Ginzburg chamou de Circularidade Cultural.³⁹ Foram transformações de uma época que marcam uma transição do medievo para o moderno. Essas práticas de feitiçaria significavam as novas representações de religiosidade popular que eram ressignificadas na Terra de Santa Cruz e que buscavam uma aproximação entre o mundo dos homens e o sobrenatural. E além dessas novas práticas reproduzidas aqui, é importante lembrar-se do contato com práticas antigas e cerimoniais, aos quais em uma bela sincronia, fez-se nascer o novo.

Muito do que estudamos sobre as mulheres no período colonial realça a sua passividade, mostrando-as como seguidoras do padrão moral católico da época e relacionando suas experiências, sobretudo, à maternidade. O imaginário masculino construía a importância do corpo feminino que deveria ser domesticado para servir aos fundamentos da política colonial⁴⁰. Este trabalho vai de encontro a essa teoria de passividade feminina no período colonial como algo homogêneo. O que percebemos é que algumas mulheres desviaram-se dos padrões, agindo de forma totalmente diferente e às vezes contrária as normas impostas para alcançar algo desejado. E um forte exemplo disso é a Maria Gonçalves que degredada pela segunda vez, continuou a praticar suas magias diabólicas e a ensinar e negociar com outras mulheres. Uma vez punida pela Inquisição em Pernambuco, Maria insiste e resiste com suas práticas, expandindo o universo mágico entre as mulheres da Bahia quinhentista. Ela foi grande e forte personagem dessa história marcada pelo refúgio de problemas cotidianos, pelo medo da perseguição inquisitorial, pela construção de uma imagem negativa na comunidade e pelos castigos e penitências que muitas mulheres foram forçadas a pagar

³⁸CHAIN, Iza Gomes da Cunha. *O Diabo nos porões das caravelas*. Juiz de Fora: Editora Pontes, 2003. p.26.

³⁹ Circularidade Cultural do autor Carlo Ginzburg.

⁴⁰ PRIORE, Mary Del. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 283.



por praticar magia. Diante de tudo isso lá estava Maria Cajada firme e forte em suas práticas como um “gato que sempre cai em pé”.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. *O Que é História cultural?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BETHENCOURT, Francisco. *O Imaginário da Magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CHAIN, Iza Gomes da Cunha. *O Diabo nos Porões das Caravelas*. Juiz de Fora: Pontes, 2003.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800 uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DUQUETE, Lon Milo. *A goetia ilustrada de Aleister Crowley: evocação sexual*/Lon Milo Duquete, Christopher S. Hyatt; ilustrada por David P. Wilson; tradução André Oídes. São Paulo: Madras, 2011.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxarias, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FAUSTO, Boris. *Crimes e Cotidiano: a criminalidade em São Paulo, 1880-1924*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1958.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *História Noturna: decifrando o Sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HUIZINGA, Jean. *O Declínio da Idade Média*. São Paulo: Ulisseia.
- KRAMER, Heinrick; SPRENGER, Jacobus. *Manual da Caça às Bruxas (Malleus Maleficarum)*. São Paulo: Edições Planeta.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *Bruxaria e História: as práticas mágicas no ocidente cristão*. São Paulo: editora ática, 1991.

NOVINSKY, Anita Waingort. *Cristãos Novos na Bahia: a Inquisição*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

PAIVA, José Maria de. *Colonização e Catequese: 1549-1600*. São Paulo: Cortez, 1982.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIERONI, Geraldo. *Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas*. Os degredados do Brasil-Colônia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

PRIORE, Mary Del. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PRITCHARD, Evans. *Bruxarias, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RAMINELLI, Ronald. “Eva Tupinambá”. Del Priore, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

ROBLES, Martha. *Mulheres, Mitos e Deusas: o feminino através dos tempos*. São Paulo: Aleph, 2006.

RUSSEL, Jeffrey Burton. *Lúcifer: o diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras, 2003.

SALES, Thiago de Oliveira. *Sobre Botijas*. Recife: Programa de pós graduação em Antropologia UFPE. 2006.

SODRÉ, Jaime. *Da Diabolização à Divinação: a criação do senso comum*. Salvador: EDUFBA, 2010.

SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____. *A feitiçaria na Europa moderna*. São Paulo: Ática, 1987.

VAINFAS, Ronaldo. *Confissões da Bahia: santo ofício da inquisição de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Trópicos dos Pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc.12925. PT/TT/TSO-IL/028/12925.

Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 10748. PT/TT/TSO-IL/028/10748.

As clavículas de Salomão. Tradução A.C Godoy. São Paulo: Madras, 1996.



XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS

27 A 31 DE JULHO DE 2015

FLORIANÓPOLIS - SC